

O HOMEM QUE TRAZIA POEMAS NOS BOLSOS

Título
O Homem que trazia poemas nos bolsos

Texto
© Albertina Fernandes

Ilustrações
© Rodrigo Estiveira

Coordenação da Edição
© Alfarroba

Design
Alfarroba | Catarina Amaro da Costa

Impressão e Acabamento
Eigal

ISBN
978-989-8888-66-2

Depósito Legal
463 202/19

Data da Edição
Dezembro de 2019

Apoio:



uma edição da Alfarroba
Largo São João n.º 16 A, 1.º
2890-028 Alcochete | telefone: 210 998 223
e-mail: geral@alfarroba.com.pt



www.alfarroba.com.pt



 alfarroba



É a pessoa que escreve poesia que deseja que outra pessoa a leia, mas, sobretudo, que a compreenda.

É uma outra forma de vida, a poesia, que se deve dar a conhecer e aprender a respeitar, tal como nos é mostrada neste pequeno livro. Pequeno, mas enorme o suficiente, pois foi escrito com amor, para si, jovem leitor.

Cristina Carvalho



- **VIVIA NA MINHA CIDADE.** Todos o conheciam, mas ninguém sabia onde morava, como se sustentava, que idade tinha, qual era o seu nome de registo, se tinha família, filhos, mulher... Chamavam-lhe «Senhor Poema», «Homem-Poema», ou, simplesmente, «Poema». E isso bastava.
- Mas, então, porque não lhe chamavam antes «Poeta»?
- Não sei. Talvez porque ninguém sabia, ao certo, se os poemas que lhe ocupavam os bolsos eram da sua autoria.
- Mas uma pessoa que usa os poemas como ele, mesmo se não forem escritos por si, tem, pelo menos, alma de poeta, não te parece?
- Sim, mas ter alma de poeta não é exatamente sinónimo de ser poeta. Pode precisar das palavras de outrem para exprimir o que ele próprio sente, não achas? Acontece muito comigo: leio um texto e, se me emociona, fico a pensar como me sentiria feliz se tivesse sido eu o seu autor.
- Pois, eu nunca tinha visto as coisas assim, mas deves ter razão.
- Então, vamos continuar a falar do «Homem-Poema»?

– **ESTÁ BEM, VAMOS.** Olha, recordo-me de como se vestia: de inverno, trazia quase sempre umas calças cinzentas de bombazina e um casacão com gola de pele sintética; quer as calças, quer o casacão tinham bolsos fundos, sempre muito inchados, como se lá dentro houvesse corações cheios de sangue vivo e quente a quererem saltar para as mãos de quem passava. De verão, usava calças de ganga e um blusão cor de telha, mas o volume era igual. E o sorriso também era igual. Não sei como não lhe doíam os maxilares, de tanto sorrir.

